



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteadó, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições, oferece diversas atividades e serviços como disciplinas

optativas, cursos de extensão cultural, ateliês, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada. A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitae, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível.

Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, por meio de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu. Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com

maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa prática educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

José Resende

São Paulo, SP, 1945



José Resende inicia seus estudos de arte em 1963, cursando Arquitetura na Universidade Mackenzie e estudando gravura na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). No ano seguinte, realiza estágio no escritório do arquiteto Paulo Mendes da Rocha e conhece Wesley Duke Lee.

Sua primeira exposição coletiva ocorreu em 1964, em uma mostra organizada pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP) em Londres, mas sua atuação artística se efetiva a partir de 1966, quando integra o **Grupo Rex**, com Wesley Duke Lee (seu professor de desenho), NELSON LEIRNER, Geraldo de Barros, Carlos Fajardo e Frederico Nasser. Com os dois últimos e Luiz Paulo Baravelli, organiza exposições conjuntas e cria a **Escola Brasil**, com uma atuação significativa na formação de jovens artistas, entre os anos de 1970 e 1974. Participa também da edição das revistas *Malasartes* e *A Parte do Fogo*, que tiveram presença marcante na discussão sobre o circuito brasileiro de arte.

Sua trajetória artística é marcada, em um primeiro momento, pelo diálogo poético com Wesley Duke Lee e pela produção de desenhos, pinturas e objetos próximos de um **Realismo Mágico**. Porém, é na escultura que o artista encontra seu caminho próprio e desenvolve seus trabalhos mais importantes. Já a partir de sua exposição individual no MASP, em 1974, aparecem estruturas lineares abstratas, nas quais é marcante o interesse pelo uso de materiais industriais utilizados com poucas transformações.

A incorporação de diversas matérias em uma mesma obra, de tal forma que uma sustente a outra é uma característica muito frequente em

suas esculturas, assim como o uso de líquidos, materiais com baixa temperatura de fusão, flexíveis, que adquirem seu formato pela gravidade ou outra força física que neles atue. Tal fato coloca o artista próximo da produção internacional ligada ao **Pós-Minimalismo** e à **Arte Povera**, porém, com caráter muito particular.

Podemos entender melhor sua trajetória através do depoimento do artista: "[...] seria possível distinguir três momentos distintos. Nos trabalhos de 1970 ao início dos anos 1980, vê-se uma certa geometria atuando por trás - materiais como placas de metal ou pedra, tubos, fios ou cabos, construindo planos, linhas e vetores, que ocupam situações inesperadas, tensionando a geometria do espaço ao ligar parede e chão ou teto, ocupar cantos etc. Os trabalhos que se seguem passam a constituir superfícies que, ou se transformam, [...], ou se formam pela combinação de materiais líquidos que, ao se solidificarem, dão forma a outros maleáveis, [...]. E ainda um terceiro momento, mais recente, onde esta forma obtida pelo acaso é substituída, embora mantendo às vezes o uso dos mesmos materiais, através de uma maior intencionalidade de desenho, reaparecendo até uma certa figuração presente nos trabalhos iniciais."¹

Para o crítico Ronaldo Brito, "[...] a solução clara, elegante, de articulações plásticas tensas e

precárias distingue prontamente uma escultura de José Resende. A disparidade de materiais, o recurso a laços, nós e dobras como agentes de sustentação, até a sua posição circunstancial no ambiente, tudo converge para uma configuração positiva que testemunha a maleabilidade inesgotável do espaço, a disponibilidade essencialmente plástica do mundo. E um fator surpresa intrínseco reforça a sensação de se estar frente a uma lírica desinibida capaz de assimilar toda e qualquer matéria, armar situações tão diversas e imprevistas quanto convincentes, e de imediato singularizá-las, torná-las por assim dizer únicas. Em suma, autenticá-las mediante o poder e a graça da autoria."²

Resende, como artista, professor e pensador das questões que envolvem a obra de arte e sua circulação, ocupa um lugar de destaque no panorama da escultura brasileira contemporânea. A aproximação com sua obra, que deve ser predominantemente fenomenológica, faz com que o alcance de sua problematização sobre a matéria e o espaço possa atingir, indiferencialmente, um público culto ou leigo, na medida em que instiga a percepção e a reflexão sobre o objeto de arte.

¹ José Resende: *Entrevista a Lúcia Carneiro e Ileana Pradilha*, 1999, p. 51.

² Ronaldo Brito, "Exercício do Mundo", in *José Resende*, 1992, s.p.

Bibelô: a Secção da Montanha, 1967
madeira revestida de laminado, acrílico e terra
116,3 x 30 x 72,4 cm
Prêmio Aquisição I Jovem Arte
Contemporânea

Bibelô: a Secção da Montanha, faz parte da primeira fase da trajetória artística de José Resende, quando este integrava o Grupo Rex. A obra se estrutura como um corte axial do perfil de uma montanha, no qual o laminado preto constitui os eixos vertical e horizontal. Sobre tais eixos, como um diagrama, se apóia uma caixa de acrílico transparente contendo uma abertura pela qual é possível acessar seu interior e, conseqüentemente a terra depositada dentro dela. O caráter industrial dos materiais da caixa, assim como sua construção, fazem com que se assemelhe a uma vitrine expositiva. Porém, é fundamental o fato de seu conteúdo ser proveniente da natureza, não possuir uma forma estável e estar sujeito a transformações de ordem química e biológica.

O contraste dos materiais industrial/natural, rígido/maleável, estável/instável revela uma estranheza ao constituir-se como um relicário para um punhado de terra, que se comporta como um esquite de acrílico, que guarda em seu interior um potencial de vida.

Nelson Aguilar considera esta obra "uma redução eidética", em que "as qualidades, atributos, predicados da montanha se resumem ao L transparente que carrega alguma terra".¹ Ou seja, a matéria e o esquema gráfico que a contém são como um símbolo de uma montanha, tanto em termos físicos, quanto em seu aspecto mágico e transcendental. Enquanto bibelô, pode se comportar como uma recordação e também como um amuleto, signo de cobiça, ao mesmo tempo banalizado como um objeto de coleção doméstica. Seria sinal de uma nostalgia da natureza prestes a se perder?

Em outra abordagem é possível considerar que a transparência do acrílico revela tudo. O que se vê é o que está ali, nada é escondido. Qualquer enigma ou metáfora advinda do título podem ser esquecidos, pois a matéria se impõe aos sentidos sem necessitar de maiores explicações. Esse caráter, predominante em grande parte da trajetória do artista, junto a uma sutil figuração, faz-se presente em trabalhos recentes do artista, entre os quais *Sem Título*, de 1991, localizada no Jardim de Esculturas do MAC USP, na qual é sugerida a forma de uma silhueta feminina evocadora da imagem de Vênus.

aproximações

Professor/a, antes de apresentar a obra de José Resende, proponha uma reflexão sobre os títulos dados às obras de arte e sobre **Bibelô: a Secção da Montanha** em específico.

Qual é a função do título em uma obra de artes plásticas? E nas peças *Sem título*? Informe o título da obra em questão. O que é um bibelô? E uma secção da montanha? Para que fins as montanhas são seccionadas? E um bibelô, para que serve? Como eles imaginam uma obra com o título **Bibelô: a Secção da Montanha**?

Apresente a obra de José Resende. É possível desenvolver relações entre ela e o seu título? Ela é muito diferente do modo como eles a imaginaram? Por quê? Em entrevista à Folha de São Paulo de 10 de fevereiro de 2004, o artista comentou: "Meu trabalho nunca tem muito título, a palavra fica meio avessa. O trabalho cria uma figura e eu acho que nomear isso nem sempre é fácil. Outros (trabalhos) ganham apelidos que se tornam próximos (...)."

Será que neste caso seus alunos concordam que o título dado faz sentido?

Relacionem outros títulos ou apelidos que poderiam ser dados a esse trabalho de Resende. Peça que justifiquem suas escolhas.

Leia para os alunos: "Embora tratada como um produto em alta crescente no meio internacional, em nosso país a arte contemporânea brasileira é ainda vista com reservas por um público forquilhado entre a curiosidade e a irritação causada pela dificuldade em compreendê-la".¹

Tendo a obra de José Resende como um exemplo da arte contemporânea brasileira, verifique se os seus alunos concordam com a frase do crítico de arte. Eles se identificam como público que se sente dividido entre a curiosidade e a irritação? Por quê?

Observem os materiais industrializados e naturais utilizados nesta obra - madeira revestida de laminado, acrílico e terra - e a maneira como suas especificidades foram exploradas.

Proponha que, em casa, os alunos selecionem materiais diversos como pedaços de plástico, vidro, fragmentos de espelho, pedras, lixas, ferro-velho, cascas de árvore e escrevam sobre suas características físicas, os locais onde foram encontrados e porque os escolheram.

Na sala de aula disponha dois grupos de materiais: um deles constituído de materiais de origem natural e outro de materiais industrializados, a fim de facilitar a percepção para as características relativas a essa maneira de classificá-los.

Peça que os estudantes troquem entre si os materiais que trouxeram e realizem montagens, esculturas, instalações ou *assemblages*.

Disponha algumas ferramentas e materiais que possam auxiliar na estruturação dos trabalhos, tais como cola, cola quente, pregos, martelo, estilete, tesoura, barbante, tachinhas, grampos e grampeadores.

Após o término da atividade prática, resgate os textos escritos pelos alunos e tentem associá-los aos objetos gerados pela proposta. As características e particularidades mencionadas nos textos permanecem nas obras realizadas?

Peça que dêem títulos aos seus trabalhos.

Para melhor compreensão do texto sobre o artista pesquise: Grupo Rex, Escola Brasil, Realismo Mágico, Pós-Minimalismo e Arte Povera.

¹ Nelson Aguilar, "José Resende", in *Perfil de um acervo - MAC USP*, 1988, p. 329.

¹ FARIAS, 2002, p. 10.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASBAUM, Ricardo (org.) *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- Bienal Brasil Século XX*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994.
- BOTERO, Regina (org.) *Skultura. Edição Especial MAC*. São Paulo: Ed. Arte Tridimensional., 1989.
- CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.
- Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comunique, 2003.
- FARIAS, Agnaldo. *Arte Brasileira Hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- José Resende. Rio de Janeiro: Demibold, 1992.
- José Resende. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.
- José Resende: *Entrevista a Lúcia Carneiro e Ileana Pradilha*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- LEIRNER, Sheila. "José Resende e o retrato fiel de uma ação". In *Arte e seu tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- MENDONÇA, Casimiro Xavier de. "José Resende: ação sobre a matéria". In *Galeria: revista de arte*. São Paulo, nº 9, 1988.
- MORAIS, Frederico. *Panorama das Artes Plásticas Séculos XIX e XX*. Projeto Instituto Itaú Cultural. São Paulo: Ed. Bandeirante S.A, 1989.
- O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1990.
- PECCININI, Daisy. *Figurações Brasil Anos 60*. São Paulo: Edusp; Itaú Cultural, 1999.
- Perfil de um acervo - MAC USP*. São Paulo: Editora Ex Libre, 1988.
- PONTUAL, Roberto. *Entre Dois Séculos: a arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*. Rio de Janeiro: JB, 1987.
- Tradição e Ruptura*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1984.
- Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX*. 2ª ed. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 1999.
- ZANINI, Walter. *Tendências da Escultura Moderna*. São Paulo: MAC, Ed. Cultrix, 1971.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi
 Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz
 Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin
 Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suely Vilela
 Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu
 Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg
 Vice-Diretor • Kabengele Munanga
 Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo
 Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa
 Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)
 Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa
 Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortolucci

Acervo • Roteiros de Visita
 Apoio • Fundação Vitae
 Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte
 Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.
 Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
 Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales
 Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).
 Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.
 Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho
 Secretária • Glória Araújo Antunes
 Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor); Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS); Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);
 Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.
 Projeto Gráfico • Elaine Maziero
 Arte Final • Carla C. do Carmo
 Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160
 05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP
 Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

